

OPERAÇÕES ANFÍBIAS

ESCOLHA DA ÁREA DE DESEMBARQUE

Major TACITO THEOPHILO, da Escola ...
de Guerra Naval

"A área de desembarque compreende o espaço de terra, mar e ar necessário à realização do desembarque e ao estabelecimento da cabeça de praia."

Uma das prerrogativas do Comandante da Fôrça de Desembarque é a escolha da área em que deverá realizar-se o desembarque. A aprovação definitiva, no entanto, dependerá da Marinha que terá de dizer da existência de condições navais favoráveis ou não que possibilitem ou impeçam a realização da operação. Trata-se, portanto, de assunto delicado e que por isto mesmo deve ser profundamente estudado pelas Fôrças interessadas. Só assim se podem evitar atritos e chegar a uma solução ponderada que satisfaça ao propósito da operação combinada.

Não é possível dizer o que primeiro interessa ao Comandante da Fôrça de Desembarque: se a escolha da área de desembarque ou se a concepção da manobra para o cumprimento da missão. São estudos muito entrelaçados e realizados concomitantemente. Tanto a manobra em terra está presa à área de desembarque como esta àquela. Mesmo assim procuraremos mostrar como acrescentando ao "Memento" do Estudo da Situação (C 101-5) mais algumas "considerações que afetam as possíveis linhas de ação" é possível selecionar a área de desembarque que deverá figurar nas "nossas linhas de ação".

Os fatores que devem ser apreciados num estudo de tal natureza, são:

- 1 — A proximidade do objetivo;
- 2 — As considerações de ordem naval;

- 3 — O inimigo;
- 4 — O terreno.

1 — *A proximidade do objetivo* — A missão exige quase sempre a conquista ou a captura de um objetivo seja ele um ponto dominante, um aeródromo, uma base naval, um porto, a guarnição inimiga, etc. É evidente que a área de desembarque deve estar o mais próximo possível do objetivo para que se possa tirar partido do efeito de choque e acelerar sua conquista sob a proteção dos fogos navais. Se, ao contrário, esta área estiver muito afastada a posse do objetivo exigirá, após o desembarque, uma operação prolongada, dispendiosa e de conseqüências imprevisíveis já que não se beneficiará da surpresa e da ação de choque inicial.

2 — *Considerações de ordem naval* — Embora caiba à Marinha a última palavra sobre o assunto, não pode o Comandante da Fôrça de Desembarque deixar de bem pesar as considerações de ordem naval. Só assim poderá evitar a escolha de uma área que seria certamente rejeitada devido à impossibilidade de realização da operação.

A área escolhida para o desembarque deve satisfazer às seguintes considerações de ordem naval:

a) Ser livre de perigos à navegação e bastante ampla para permitir a manobra dos navios. Para que uma Fôrça Naval de Ataque ao aproximar-se dessa área possa desenvolver-se e adotar um dispo-

sitivo que facilite a operação de desembarque é preciso que não encontre perigos à navegação. Os rochedos, bancos de areia, recifes, etc., canalizam os movimentos da Força tornando-a mais vulnerável; dificultam a navegação e a manobra; podem danificar os navios e embarcações e mesmo impedir a ação dos navios de apoio de fogo. Por outro lado, o grande número de transportes exige bastante espaço para facilitar a manobra e evitar encalhes e colisões.

b) Oferecer um certo grau de abrigo. É sabido que a forma, a extensão e a altura das ondas são função do vento cujos efeitos se fazem sentir a grandes distâncias. A ocorrência de uma tempestade, mesmo distante da área de desembarque, poderá assim impossibilitar a operação e, na melhor hipótese, ocasionar retardos conseqüentes das dificuldades em arriar as embarcações, fazê-las acostar aos navios, desembarcar o pessoal e a carga e mesmo abicar à praia. As enseadas e baías oferecem sempre um abrigo seguro contra os ventos e temporais o que é fator de grande importância para o sucesso da operação.

c) Permitir o apoio de fogo naval a curta distância. O fogo dos canhões navais sobre abrigos e casamatas, devido à tensão da trajetória e à dispersão, é mais eficaz quando realizado sob a forma de tiro direto, por uma só peça e a curta distância. Portanto, para que o apoio de fogo naval seja mais eficiente e possa ser levado o mais longe possível é preciso que as águas próximas às praias tenham profundidade bastante para permitir a aproximação e a manobra dos contra-torpedeiros, cruzadores e mesmo encouraçados encarregados de prestar esse apoio.

d) Dispor de boas condições de fundo. Um ancoradouro com fundo de areia grossa ou cascalho permite "unhar" bem o ferro facilitando assim o fundeio dos navios e, conseqüentemente, o desembarque e a descarga. Se o fundo não for bom os navios podem garrar

a âncora e colidir. Nestas condições precisam ficar afastados ocupando uma área muito grande o que dificulta o desembarque e o controle para abordar as praias numa frente relativamente estreita.

e) Ter um gradiente que facilite a abicagem à praia. A inclinação do fundo da praia é expressa pela razão de aumento da profundidade, em relação à distância horizontal. Conhecendo-se o gradiente é possível dizer-se se a praia se presta ou não ao desembarque ou quais as medidas que deverão ser adotadas para sanar os inconvenientes revelados. É que embora as embarcações de desembarque sejam feitas para abicar à praia as diferenças de calado a vante e a ré apresentam uma inclinação no fundo freqüentemente diversa das condições existentes. Por exemplo, uma embarcação medindo 150 pés e com a diferença de calado a vante e a ré de 3 pés apresenta uma inclinação no fundo de 1/50 que será, portanto, o gradiente ideal. Se o gradiente for de 1/70 a embarcação encostará primeiro a popa e a proa ficará ao sabor dos ventos e da maré dificultando o desembarque (Fig. 1). Se, ao contrário, o gradiente for maior só a proa tocará ao fundo e a embarcação poderá ficar atravessada e batida pela arrebentação.

f) Se livre de obstáculos. A existência de pedras, recifes, etc., ou de obstáculos artificiais entre a área dos transportes e as praias não só limita as frentes de desembarque como pode dificultar ou impedir o movimento das embarcações. A própria constituição da praia (areia, lama, seixos, etc.) tem grande importância pois que se as viaturas uma vez desembarcadas não puderem deslocar-se acabarão por congestionar a praia impossibilitando o prosseguimento da descarga. É preciso, portanto, considerar a natureza dos obstáculos e verificar se poderão ser superados pelo emprêgo de viaturas anfíbias e de equipamento especial ou destruídos pelos grupos de demolição submarina antes do desembarque.

g) Não ser batida por arrebentação forte. É evidente a dificuldade que terão as embarcações de desembarque em abicar à praia, desembarcar o pessoal e regressar aos navios sempre que a arrebentação for muito forte. A velocidade com que a onda arrebenta é função de sua altura e quanto mais perto da orla da praia isto se der, mais árduo será o desembarque. Ao que se sabe a velocidade de 10 nós corresponde à da arrebentação de uma onda de 8 pés; acima dessa altura, portanto, as embarcações estão sujeitas a perder o controle, colidir ou submergir. Mesmo com ondas de 6 pés, o regresso das embarcações aos navios constitui um problema.

que às vezes é capaz de por si só anular tôdas as outras considerações. Não obstante, deve ser sempre apreciado em último lugar. Além dos aspectos normais abordados em qualquer estudo do terreno, tais como, o relêvo, as linhas d'água, a vegetação, etc., outros de não menor importância terão que ser considerados: o litoral, as vias de saída, as vias de acesso, etc.

a) Litoral — No caso particular das operações anfíbias trata-se de realizar um assalto à viva força, partindo do mar. Daí a importância que assume a configuração do litoral com reflexos não apenas nas ações do atacante mas do próprio defensor que se vê atraído pela linha costeira

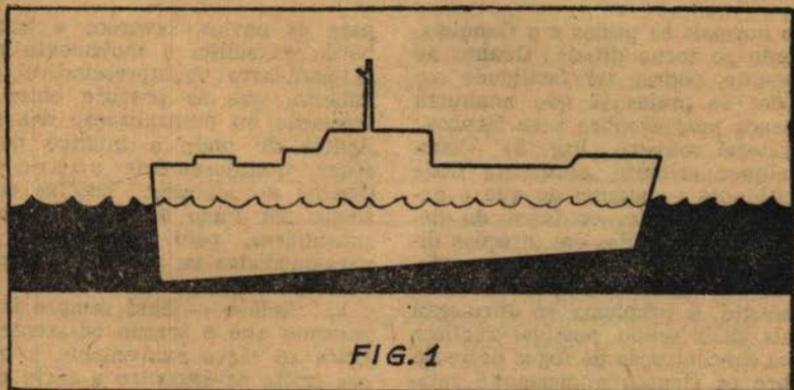


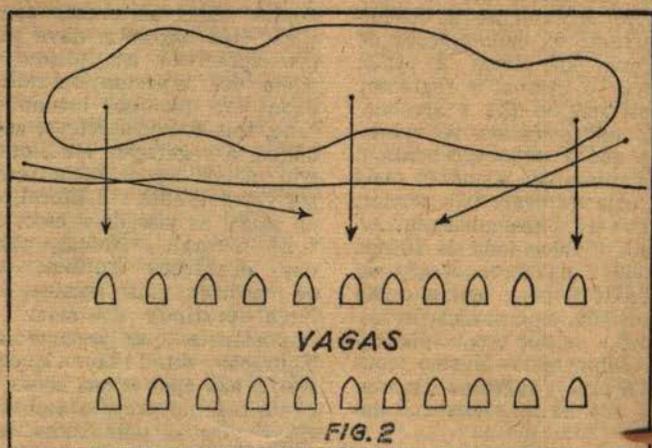
FIG. 1

3 — *Inimigo* — O estudo do inimigo pouco difere do comum a qualquer operação a não ser quanto à circunstância de ser realizado antes de qualquer contacto e sempre com muita antecedência em relação à data prevista para a operação. Certamente, as áreas mais favoráveis ao desembarque estarão mais bem defendidas pelo inimigo; é sabido, também, que o desembarque realizado face a uma defesa forte é muito perigoso e, tanto quanto possível, deve ser evitado. Impõe-se, portanto, ponderar bem essas circunstâncias antagônicas na seleção da área de desembarque.

4 — *O terreno* — Sua influência é preponderante na escolha da área de desembarque. Tanto assim

para estabelecer a defesa imediata das praias. De certo modo, podemos dizer que há três formas típicas de litoral: retilíneo, convexo e côncavo. Essa classificação não é rígida; quase sempre haverá variações ou combinações dos diversos tipos, além do que cada um deles dependerá do escalão considerado. Assim, o litoral poderá ser considerado côncavo para uma Divisão enquanto os Regimentos e mesmo Batalhões dessa Divisão poderão estar atuando em trechos convexos ou retilíneos.

Litoral retilíneo (Fig. 2). Não apresenta nenhuma particularidade de monta. Por ser desabrigado é, em geral, batido por arrebentação forte. Os fogos da defesa



são normais às praias e o flanqueamento se torna difícil. Quanto ao atacante, poderá ter facilidade em abicar às praias já que nenhuma ameaça pesará sobre seus flancos.

Litoral convexo (Fig. 3). Como qualquer saliente, apresenta mais facilidades ao ataque do que à defesa. Realmente, os fogos do defensor são lançados em direções divergentes e as exigências em efetivos são mais elevadas. Para o atacante, o problema se apresenta mais fácil sendo possível realizar uma concentração de fogos de apoio sobre os flancos e mesmo à retaguarda do inimigo. Pode ainda o saliente ser isolado por um desembarque efetuado em sua base. Não obstante tôdas essas vantagens, o litoral convexo é exposto às correntes e ventos e, geralmente, escarpado. Sendo aparentemente o mais favorável à operação, nem sempre permite o desembarque.

Litoral côncavo (Fig. 4). É o que mais facilidades apresenta aos desembarques, devido às condições hidrográficas favoráveis. Por outro lado, é também o que mais favorece à defesa que pode obter grande concentração de fogos e ótimos flanqueamentos atuando vantajosamente no momento mais crítico da operação de desembarque. Tem sido o tipo de litoral preferido para as operações anfíbias, pois apresenta um abrigo seguro

para os navios, favorece o transbordo e facilita o movimento navio-para-terra. É imprescindível, no entanto, que se procure obter a ocupação ou neutralização dos salientes de onde o inimigo pode atuar vantajosamente sobre os flancos do atacante. Isto se consegue por meio de desembarques subsidiários, pelo lançamento de pára-quedistas ou apenas pela ação do fogo naval e aéreo.

b) **Relêvo** — Será sempre interessante que o terreno adjacente à praia se eleve suavemente e que sua crista se encontre a certa distância para o interior. Isto não só facilitará o apoio de fogo naval como possibilitará, uma vez atingida a linha de crista, assegurar a proteção das praias contra as vistas e os fogos observados do inimigo.

c) **Segurança e defensibilidade da cabeça de praia.** A fim de fazer feze a qualquer retorno ofensivo do inimigo é necessário que a cabeça de praia seja aferrada ao terreno. Em outras palavras, o terreno adjacente à praia deve oferecer um certo grau de segurança ao atacante e ser propício à instalação defensiva da cabeça de praia.

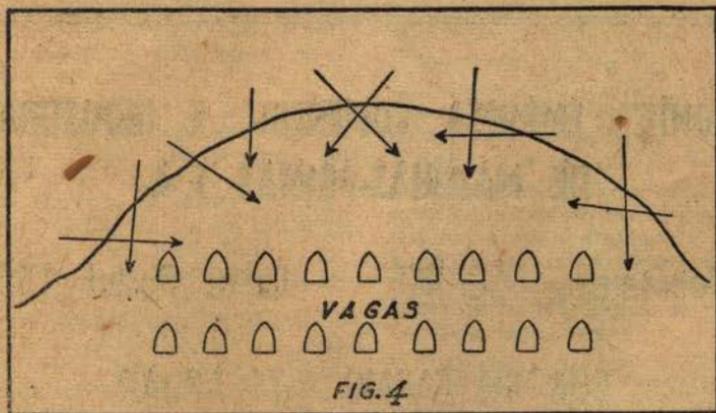
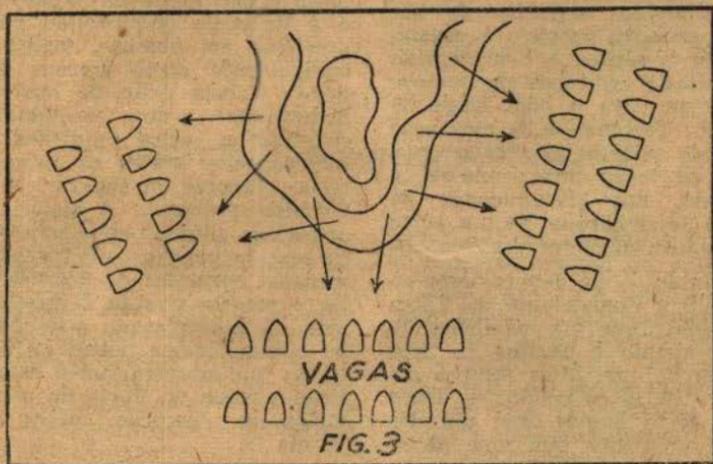
d) **Compartimentação** — Deve ser compatível com o recalço de força considerado para o desembarque. O compartimento grande de mais dificulta a ação da tropa que se vê forçada a diluir-se. O com-

partimento pequeno pode também ser prejudicial, pois, rapidamente se congestiona expondo a tropa e dificultando o apoio logístico.

e) Vias de saída — Uma vez em terra a tropa deve dispor de caminhamentos naturais que permitam sua saída da praia até a

sendo apoiada a tropa precisa dispor vias de acesso que facilitem a penetração para o interior.

g) Obstáculos — A existência de obstáculos naturais, tais como lagos, lagoas, pântanos, rios, escarpas, etc., merece cuidadoso exame quanto ao seu valor, extensão e con-



linha de cabeça de praia. Em geral, o litoral montanhoso mesmo permitindo o desembarque pode tornar a progressão muito difícil por falta de vias de saída.

f) Vias de acesso — São as que levam da cabeça de praia até um objetivo situado mais costa a dentro. Para romper da cabeça de praia em condições de continuar

dições de transponibilidade. Se de um lado podem ser prejudiciais, de outro, podem oferecer certa segurança aos flancos da cabeça de praia.

h) Vegetação — Deve ser apreciada devidamente, pois tanto pode constituir um sério óbice como oferecer excelentes cobertas para a tropa. Além disto, é sempre um

elemento indicador da natureza do solo por ela encoberto.

i) Facilidades de apoio logístico — Outro aspecto a considerar no estudo do terreno é o da facilidade que este possa oferecer ao apoio logístico. Praias que permitam o desembarque e o transporte de suprimentos seguidas de um terreno costeiro propício à organização de depósitos e bem servido de estradas e caminhos são sempre de desejar para o bom êxito da operação. Tratando-se de uma ação de grande vulto as exigências crescem e se torna imprescindível a existência, nas proximidades da área de desembarque, de um pôrto cuja captura deve ser prevista.

Conclusão — Só depois deste estudo está o Comandante da Fôrça de Desembarque em condições de decidir quanto à escolha da área de desembarque. Nem sempre encontrará tôdas as condições ideais mas o certo é que cada um dos fatores apontados tem uma deter-

minada repercussão na conduta da operação e, portanto, a omissão de qualquer deles poderá conduzir a uma Decisão falha cujas consequências se farão sentir de maneira desastrosa durante o desembarque. A má escolha de uma área de desembarque não só desorganiza o transbôrdo, o movimento navio-para-terra e a descarga ocasionando perdas preciosas em homens, material e equipamento como ameaça seriamente o bom êxito da operação. Sempre que a área escolhida não satisfizer a certos requisitos será indispensável prever os meios materiais capazes de superar as dificuldades previstas. A história das operações anfíbias apresenta desde os seus primórdios até Inchou numerosos exemplos de decisões certas e erradas quanto à escolha da área de desembarque e do cortejo de circunstâncias felizes ou desastrosas que se seguiram a essa Decisão tomada no início do planejamento da operação, meses antes do dia D.

**"FONTE" EMPRESA COMERCIAL E INDUSTRIAL
DE MATÉRIAS-PRIMAS S. A.**

Telegramas: "SOURCE" — Caixa Postal 1513

RUA DO CARMO 6-7º ANDAR

TELEFONES 42-8564, 42-5995 E 42-7445

RIO DE JANEIRO

EMPREGO DAS FORÇAS TERRESTRES

Maj. RUI ALENCAR NOGUEIRA

IX

ASPECTOS DO COMBATE OFENSIVO



NENHUM país em guerra poderá pretender vencer o seu adversário, sem desenvolver uma operação ofensiva vigorosa, capaz de destruir as suas Forças Armadas, impedir a continuação da luta e desmoralizar os elementos combatentes.

Portanto, toda ação dessa natureza terá que começar por um deslocamento das tropas para frente, utilizando-se as suas mais variadas formas.

Tendo em vista que nem sempre se realizam nas proximidades do inimigo, esses movimentos são classificados em táticos e preparatórios, segundo se fazem sob condições de combate ou em situações de relativa segurança, dada a impossibilidade de interferência das Forças Terrestres inimigas.

Conseqüentemente, os movimentos táticos compreendem os utilizados "para o combate, em retirada ou para substituições" de tropas empenhadas.

Pelas suas condições, exigem sempre um elemento de segurança que proteja o grosso da Unidade que se desloca, evitando a surpresa do inimigo.

Chamam-se estes escalões "Vanguarda, Flancoguarda ou Retaguarda", desde que marchem à frente, num dos flancos ou à reta-

guarda, com a finalidade de receber o primeiro choque do adversário.

Diz-se que uma tropa vai marchar quando, deslocando-se de um ponto a outro, utiliza os seus próprios meios. Assim, por exemplo, um Regimento de Infantaria, marchando, terá grupamentos a pé e grupamentos motorizados; o Batalhão de Carros de Combate, também marchando, não terá ninguém a pé, porque todos os seus componentes vão nas viaturas.

Recebendo meios de transporte adicionais, uma unidade pode executar um movimento motorizado, como pode deslocar-se por via férrea, por mar, por via aérea, etc.

As marchas para o combate são cobertas ou descobertas, desde que tenham ou não, interposto entre a Unidade em deslocamento e o inimigo, um escalão em contato devidamente forte e capaz de oferecer absoluta segurança.

Compreende-se logo a necessidade da mudança do dispositivo de marcha à proporção que se vai chegando às proximidades do inimigo, para atender não só às medidas de cautela como às exigências das futuras operações.

Abordada a posição de resistência prepara-se o ataque, que é a ação decisiva e tem por finalidade destruir o inimigo ou capturá-lo, quebrando-lhe o ânimo, dissociar

o seu sistema defensivo e impossibilitá-lo de continuar lutando.

Portanto, só se o pode realizar contando com uma superioridade de meios, grande apoio de fogo da Artilharia e dos morteiros; cooperação estreita da Engenharia, dos blindados e da Aviação; indispensável e decisivo apoio dos Serviços.

O ataque exige tropas bem adestradas, equipadas suficientemente, de moral elevado e convenientemente repousadas.

A vista disso, não se deve pensar em iniciá-lo contando, apenas, com uma Unidade que já se achava em contato há muito tempo.

Modernamente, os blindados são elementos imprescindíveis, agindo em consonância com a Infantaria, constituindo um grupamento que, numa conjugação de forças, obtém os mais decisivos resultados.

Operação dessa natureza precisa ser meticulosamente planejada, judiciosamente preparada e inteligentemente executada. Mesmo assim, está sujeita, desde antes do seu desencadeamento, às interferências adversárias e nunca se desenrolará tal qual foi prevista.

Todo Comando deve fazer o máximo empenho por conservar, reunida e pronta para atuar imediatamente, uma tropa-reserva com a qual poderá interferir no combate, fazendo valer a sua decisão e permitindo o prosseguimento do ataque, mau grado a resistência que lhe seja oposta.

Na sua realização a Infantaria, como sempre, tem a primazia, exercendo a combinação do fogo, do movimento e da ação de choque, manobrando na execução de uma penetração, de um desbordamento, de um envolvimento ou de um duplo envolvimento, muito embora o ataque frontal, isto é a penetração, seja o caso normal para o Regimento agindo enquadrado no âmbito divisionário.

Reconhecimentos tornam-se imperiosos nos vários escalões, o que exige a expedição das ordens com o tempo suficiente para tal fim.

As Unidades participantes recebem uma "zona de ação", uma di-

reção de ataque e um objetivo bem definido e compatível com os meios a empregar.

O dispositivo a adotar está submetido aos seguintes fatores:

- Missão;
- Inimigo;
- Terreno;
- Meios;
- Zona de Ação;
- Segurança.

Levando-se em conta a organização ternária, empregar-se-á:

— Um Grupamento de forças (não confundir com o Grupamento tático, que não pode ser utilizado, normalmente, numa operação centralizada), quando a situação do inimigo não está bem definida; quando o ataque é profundo e se deseja flexibilidade, através uma reserva potente, mórmente para o aproveitamento do êxito; quando se pretende obter surpresa, atuando numa direção inesperada; quando a frente é compatível.

— Dois Grupamento de forças, quando os objetivos assim obrigam pela localização e defesa; quando a zona de ação não permite outra alternativa, sem prejuízos circunstanciais; quando o desencadeamento deva ser potente e não requeira reserva mais forte.

— Três Grupamentos de forças, quando é prevista a obtenção de sucesso imediato; quando o inimigo se apresenta uniforme em toda a frente; quando esta é bastante larga e o ataque não tem muita profundidade.

Neste último caso, logo que possível, o Comando deve recuperar uma reserva, mudando o dispositivo, a fim de que não permaneça indefinidamente quase como um espectador do combate, fazendo unicamente manobra de fogos.

Inferre-se daí, que não há fórmulas que sirvam à generalidade dos casos, impondo-se o estudo metódico do problema, antes que

seja tomada uma decisão compatível e eqüanime com cada caso.

Deve o atacante manter o ímpeto até penetrar completamente a posição inimiga, o que importa dizer, precisa chegar ao local das suas reservas, com o intuito de imobilizá-las ou destruí-las, e, até mesmo, às posições da artilharia.

Normalmente, um Regimento de Infantaria ataca numa faixa do terreno cuja frente vai de 1000 a 3000 metros e numa profundidade que alcançará o dôbro dessas medidas. O Batalhão, por sua vez, terá de 500 a 1000 metros de frente e, também, o dôbro na profundidade do seu ataque.

São elementos fundamentais :

— Hora do Ataque, que serve para regular em todos os escalões o momento exato do seu desencadeamento.

— Linha de Partida, nítida e inconfundível no terreno, destinada à coordenação das Unidades empenhadas.

— Plano de Fogos, regulando o apoio de fogo aos grupamentos de manobra, compreendendo a atuação da Artilharia, dos morteiros e das outras armas, dos fogos químicos, fumaça, etc.

— Linha de Segurança de Bombardeio, assinalando a faixa além da qual atuará a Força Aérea Tática (FAT).

— Apoio Logístico, estabelecendo a maneira pela qual serão feitos os suprimentos e a evacuação.

Desde antes do ataque, ou seja da Hora H, as armas de apoio executam uma "preparação", visando amaciar as resistências que se opõem ao escalão de ataque, podendo variar de alguns minutos até algumas horas, ou mesmos dias, dependendo dos recursos disponíveis e da necessidade ou não de se manter o sigilo.

Iniciada a operação, o que se fizer daí por diante foge, por vêzes, ao que fora previsto detalhadamente pelo Comandante (Comandante e Estado-Maior), obrigando-o a no-

vas decisões e a outras providências imediatas.

Na "conduta do combate", que é como se denominam tais ações", revela o Chefe as suas verdadeiras qualidades, exercendo a sua autoridade com proficiência e enganando a responsabilidade de maneira incontrastável.

O emprego da reserva, por si só, constituirá a mais importante decisão que um Comandante possa tomar e todo o seu engenho está em não empregá-la prematuramente nem retardadamente, mas sim na ocasião precisa e no ponto onde se faz necessária a sua aplicação.

Contando-se com os blindados é imperioso um forte apoio aéreo, sem o qual é quase certa a destruição dos mesmos e a Artilharia Antiaérea, quando não esteja no cumprimento das suas missões precipuas, poderá participar do apoio de fogo terrestre.

O assalto constitui a fase culminante e faz-se sob o aspecto de um choque tremendo e esmagador, quando dêle participam os carros de combate, auxiliando a Infantaria.

Após as mais dantescas e indescritíveis cenas que nessa hora se realizam, há que cuidar imediatamente dos seguintes problemas :

— manutenção do objetivo conquistado, mediante o estabelecimento de uma situação defensiva que assegure a posse do terreno ;

— prosseguimento do ataque, consoante as prescrições do Comando superior e das condições materiais da tropa ;

— aproveitamento do êxito, destinado a evitar perder-se o contato ;

— perseguição, por meio de uma pressão direta ou de manobras adequadas sobre os eixos de retraimento do inimigo, para liquidá-lo definitivamente.

As comunicações no ataque funcionam mais à base do Rádio, segundo a mais variada gama de fre-

quência e alcance, reservando-se o telefone para as situações iniciais e finais.

Tôda ofensiva sômente poderá ser feita com chefes capazes, denodados e que inspirem confiança; com tropas de um moral elevado,

que se batam ardorosamente por um ideal alevantado, que sejam patriotas e compreendam a razão de ser da luta em que se empenham.

Com êste binário, realmente, a ofensiva conduz à vitória!

RELAÇÃO DE LIVROS À VENDA NESTA REDAÇÃO

	Cr\$
As Repúblicas Hespanos S. Americanas — Major Ayrton S. Freitas.....	20,00
As Condições Geográficas — General Mario Travassos.....	10,00
As Manobras de Nioac — General Bertoldo Klinger.....	5,00
Aspecto Geográfico Sul Americano — General Mario Travassos	10,00
Algumas Coisas da Rússia — Coronel J.B. Magalhães.....	12,00
A Compreensão da Guerra — Coronel J.B. Magalhães.....	30,00
A Linha de Fogo na Guerra — Capitão Germano Seidl Vidal..	6,00
A Batalha de Roma — Capitão Geraldo de Menezes Côrtes.....	18,00
A Batalha do Monte das Tabocas — Coronel J.B. Magalhães..	12,00
A Guerra de Sucessão — Artur Carnauba.....	5,00
Artilharia de Dorso — Capitão Otavio A. Velho.....	15,00
As Transmissões no Reg. Sampaio — M.F. Castelo Branco...	15,00
Abreviaturas M.N. Americanas — Capitão Otavio Alves Velho	5,00
A Fôrça Mecanizada — Silvio do Amaral.....	60,00
Bateria de Acumuladores — Archimedes P. de Oliveira.....	15,00
Balística Externa — Coronel Morgado da Hora.....	60,00
Crônicas de Guerra — Coronel Olivio G. de Uzeda.....	30,00
Cartilha da Mocidade — Coronel Micaldas Correia.....	8,00
Contribuição para a Guerra Brasil B. Aires — General Bertoldo Klinger.....	6,00
Centralização do Tiro — Breno B. Fortes.....	6,00
Do Recôncavo aos Guararapes — Major Antônio S. Junior....	50,00
Dêm Estádios ao Exército — Coronel Jair J. Ramos.....	30,00
Ensaio Sôbre a Informa na Guerra — Coronel José Horácio Garcia.....	15,00
Estudos dos Morteiros — Capitão Gustavo Lisboa Braga.....	7,00
Estratégia dos Terros — Coronel J.B. Magalhães.....	15,00
Fichário dos Instrutores de Ed. Física — Coronel Jair Jordão Ramos.....	20,00